

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE
SÃO PAULO**

**CAMILA FRANCO BOSCOLO
TÂMARA CHAVES BORGES
ALEXANDRE LUKAS MORRONE**

**HABITAÇÃO E A CIDADE: ENTRE A QUESTÃO
SOCIAL, A QUALIDADE AMBIENTAL URBANA E
O CASO DE HELIÓPOLIS**

**Trabalho de Iniciação Científica
Apresentado à FEBASP – Centro Universitário
Belas Artes de São Paulo**

São Paulo

2010

**CAMILA FRANCO BOSCOLO
TÂMARA CHAVES BORGES
ALEXANDRE LUKAS MORRONE**

**HABITAÇÃO E A CIDADE: ENTRE A QUESTÃO
SOCIAL, A QUALIDADE AMBIENTAL URBANA E
O CASO DE HELIÓPOLIS**

**Trabalho de Iniciação Científica
Apresentado à FEBASP – Centro Universitário
Belas Artes de São Paulo
Curso: Arquitetura e Urbanismo**

ORIENTADOR:

Prof^a. Dr^a. Luiza Naomi Iwakami

São Paulo

2010

Boscolo, Camila Franco

Borges, Tâmara Chaves

Morrone, Alexandre Lukas

Habitação e a Cidade: entre a questão social, a qualidade ambiental urbana e o caso de Heliópolis / Camila Franco Boscolo, Tâmara Chaves Borges e Alexandre Lukas Morrone - São Paulo; 2010

Monografia de Iniciação Científica do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo orientada pela Prof^a. Dr^a. Luiza Naomi Iwakami

1. Habitação Social
2. Ocupação Informal
3. Favelas
4. Qualidade urbana
5. Ocupação do espaço urbano

Agradecimentos

À nossa orientadora Prof^a. Dr^a. Luiza Naomi Iwakami pelo seu empenho e orientação;

À Belas Artes que nos proporcionou esta experiência e aprendizado;

Aos pais pela compreensão e pelo apoio nas horas de estudo e pesquisa.

Ao Manoel, morador de Heliópolis e integrante da Associação de Moradores, pela paciência e dedicação nas visitas realizadas.

SUMÁRIO

Resumo	VII
Abstract	VIII
Introdução	09
Objetivo	11
Metodologia	12
1. Histórico da habitação social na cidade de São Paulo	13
1.1. Dos cortiços às vilas operárias	13
1.2. A habitação social no governo Getúlio Vargas e a produção dos IAPs	20
1.3. A auto-construção	25
2. A favela de Heliópolis	27
2.1. Surgimento de Heliópolis como favela	28
2.2. Localização da favela e as facilidades de deslocamento	30
2.3. Informações sobre a infra-estrutura, modo de vida dos moradores e a situação da educação e comunicação no núcleo Heliópolis	31
2.4. A questão da violência em Heliópolis	41
2.5. O mercado informal e a rede de relações internas	42
3. As iniciativas no interior da favela, os projetos habitacionais e a qualidade do espaço urbano	43
3.1. A parceria com Ruy Ohtake	43
3.2. A composição do espaço	47

Conclusão	51
Bibliografia	52
Anexos	53

RESUMO

A análise dos diversos acontecimentos que nortearam a estruturação espacial da cidade de São Paulo possibilita a compreensão da problemática da habitação social, desde a formação dos cortiços e vilas operárias até a auto-construção e a formação de favelas. O contraste destas com o restante da malha urbana é notório em qualquer local e muitos estudos vem sendo feitos sobre esta segregação espacial e social.

Neste trabalho, a história da habitação social no Brasil e, principalmente, na cidade de São Paulo, é abordada como introdução para a compreensão desta problemática.

Entender o funcionamento de uma comunidade favelizada e sua estrutura é fundamental para a compreensão das cidades atuais e do déficit habitacional brasileiro. Sendo assim, o estudo sobre as configurações da favela de Heliópolis, localizada na capital paulistana, possibilita a ampliação de vários conhecimentos e a criação de uma visão crítica sobre a análise do espaço urbano e da habitação social.

O trabalho trata de questões como estas, relativas à infra-estrutura e equipamentos e o modo de vida no interior do núcleo da favela de Heliópolis, trazendo também a história do processo de ocupação e a identificação dos problemas decorrentes de um excessivo adensamento populacional.

ABSTRACT

The analysis of the various events that guided the spatial structure of the city of São Paulo furthers our understanding of the issue of social housing, since the formation of workers' villages and slums to the self-construction and slum formation. Contrast these with the rest of the urban grid is noticeable anywhere, and many studies have been done on the spatial and social segregation.

In this work, the history of social housing in Brazil, and especially in São Paulo, is discussed as an introduction to understanding this issue.

Understand the workings of a slum community and its structure is essential for the understanding of contemporary cities and the Brazilian housing deficit. Thus, the study on the settings of the slum of Heliópolis, located in the capital city, enables the expansion of various knowledge and the creation of a critical view on the analysis of urban space and social housing.

The work deals with issues like these, relating to infrastructure and equipment and way of life within the core of the Heliópolis's slums, and bringing the story of the occupation and the identification of problems arising from an excessive population density.

INTRODUÇÃO

Segundo pesquisa realizada pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) com base na Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE) de 2007, cerca de 54,6 milhões de brasileiros vivem em moradias inadequadas, como favelas, cortiços e casas sem infra-estrutura sanitária e urbana. Um total equivalente a 34,5% da população urbana do Brasil. Na cidade de São Paulo são 3,2 milhões de pessoas vivendo em favelas ou em loteamentos irregulares.

O déficit habitacional e as alternativas de auto-construção sempre foram questões muito discutidas e de grande importância para o desenvolvimento das cidades. Um problema muito antigo que sempre se mostrou atual demonstrando que a intervenção urbana, visando a melhoria da qualidade de vida da população em situação de sub-habitação, é cada vez mais importante.

O estudo sobre a habitação social no Brasil, suas configurações e evolução possibilitou a análise mais profunda da realidade de um assentamento auto-empresado, a favela. A comunidade de Heliópolis foi utilizada como estudo de caso e pesquisas, visitas e entrevistas possibilitaram a leitura deste espaço que se apresenta cada vez mais segregado das cidades atuais.

Este espaço, que nitidamente se distingue da cidade legal, também se mostrou bastante heterogêneo em seu interior. Heterogêneo nos diversos estilos de vida, nos variados gostos e regionalismos, porém muito unido e com um espírito comunitário incrivelmente ativo. Com certeza foram estas características que proporcionaram, através de muita luta, todas as conquistas da comunidade. Conquistas estas que tiveram início na obtenção dos serviços de água e luz na década de 80 e hoje se transformaram em escolas, creches, bibliotecas e espaços de lazer.

Porém muito ainda há de ser feito, principalmente em se tratando de segurança e moradia. Muitas pessoas ainda vivem em péssimas condições de vida e o tráfico é uma realidade presente em algumas ruas da comunidade.

Porém há vários programas de habitação social em curso – desde a construção de conjuntos habitacionais à reurbanização de favelas – que passa pela tentativa de solução das precariedades apontadas.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo o estudo da evolução da habitação social no Brasil, principalmente na cidade de São Paulo e, a partir desta análise, identificar e caracterizar os diversos elementos presentes em uma comunidade auto-construída, como a favela de Heliópolis.

Procura apresentar, ainda, a situação dos diversos equipamentos e conjuntos habitacionais ali implantados, sua composição urbana atual e as perspectivas futuras, no que se refere à qualidade espacial assim como a questão de identidade.

METODOLOGIA

Pesquisas bibliográficas em publicações, revistas, sites da *web*, livros e monografias com temas relacionados à habitação social e à situação das sub-habitações, estudando e analisando mapas, identificando equipamentos urbanos existentes além de entrevistas e visitas em campo. Foram utilizadas imagens atuais e antigas da composição espacial e da configuração das habitações.

1 - HISTÓRICO DA HABITAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

1.1 - DOS CORTIÇOS ÀS VILAS OPERÁRIAS

Com a chegada de milhares de imigrantes por volta de 1886 na cidade de São Paulo, o crescimento da população deu um salto e exigiu moradias de baixo custo. Este *boom* populacional acarretou a primeira crise habitacional da cidade, que aconteceu entre 1886 e 1900: “A carência de habitações tornou-se notória” (BONDUKI 1998:18). Faltavam moradias com aluguéis baratos e as pessoas se aglomeravam em uma única habitação, facilitando a disseminação de doenças contagiosas.

As habitações populares nesta época eram constituídas de cortiços que se localizavam no interior dos quarteirões. Neles, várias casas eram dispostas com má ventilação, iluminação e salubridade. Estas possuíam aproximadamente 3m de largura por 5m de fundo e um pé direito de 3 a 3,5m. Para abrigar a população de baixa renda também existiam os hotéis-cortiço que costumavam abrigar pessoas solteiras que se aglomeravam somente à noite, além dos sobrados subdivididos por inúmeras famílias.

Com tamanha falta de higiene e salubridade, os higienistas lançaram um alerta para o poder público de que era preciso intervir nestas habitações. Como esta era uma ameaça à saúde pública, o Estado, antes inerte, atacou em três frentes: no controle sanitário das habitações, na criação de legislação e códigos de posturas e na implantação de obras de saneamento, rede de água e esgoto e urbanização.

Para incentivar uma produção habitacional barata de qualidade, o Estado passou a conceder favores ao setor privado, como incentivos fiscais e estímulo à construção de vilas operárias. Até 1930 surgiram várias modalidades de moradia de baixa renda construídas pela iniciativa privada

como o cortiço-corredor, o cortiço-casa de cômodos, as vilas e as casas geminadas. “É importante ressaltar o que essas habitações possuíam em comum: quase todas eram moradias de aluguel” (BONDUKI 1998:43).



Figura 1: Complexo de cortiços localizado no bairro do Bexiga em São Paulo.

Fonte: BONDUKI, 1998.

As vilas operárias eram a modalidade de habitação para trabalhadores com maior infra-estrutura. Elas surgiram junto às linhas férreas, onde as indústrias se localizavam para facilitar o transporte de matéria-prima.

Existiam dois tipos diferentes de vilas operárias. A mais comum delas era uma vila construída por investidores privados destinada à locação. A outra era construída por empresas para moradia dos funcionários da mesma. As “vilas de empresa” ofereciam condições de moradia e de serviços quando a fábrica se encontrava longe de núcleos urbanos e, devido a estas características, acabaram formando cidades. Quando a urbanização já se fazia intensa, este tipo de vila geralmente oferecia apenas condições de moradia, exemplo bastante comum na cidade de São Paulo. Nos dois casos, a empresa exercia controle quase que absoluto sobre seus funcionários, o que gerava um medo maior dos operários para se revoltar contra estas empresas. As vilas particulares representavam a maioria das vilas localizadas nas cidades.

Nestas vilas eram construídos variados tipos de habitações e em todas elas existia uma viela central, que se comunicava com a via pública, onde as

casas ou cômodos eram geminados em um ou ambos os lados. Estes cômodos ou pequenas casas possuíam latrinas e tanques no fundo dos lotes quando eram desprovidas de água encanada.

Por se encontrarem longe das cidades, muitas indústrias construíram vilas com toda infra-estrutura necessária, como farmácias que forneciam remédios gratuitamente, médicos, energia elétrica e escolas. Estas acabavam se tornando pequenas cidadelas que abrigavam os operários.

Apesar de possuírem o mesmo objetivo, as vilas operárias variavam muito de uma para outra, principalmente no tamanho e estrutura interna. Comportavam desde uma rua ate várias ruas, jardins, praças de esportes e outros itens de uso coletivo.

O projeto de casas da Vila Maria Zélia, localizada no bairro do Belenzinho em São Paulo, é um bom exemplo de vila operária deste período. Projetada pelo arquiteto francês Paul Pedrarrieux, a vila possuía aproximadamente 200 casas unifamiliares, as quais apresentavam as condições mínimas de saneamento exigidas pelos higienistas. As casas eram destinadas aos operários da Cia. Nacional de Tecidos de Juta e o conjunto de equipamentos incluía creches, jardim de infância, dois grupos escolares com capacidade para 400 pessoas cada um, escolas profissionais, farmácia, médico, dentista, açougue, armazém, campo para jogos esportivos e uma associação recreativa e beneficente (organizada juridicamente e composta somente por seus operários).

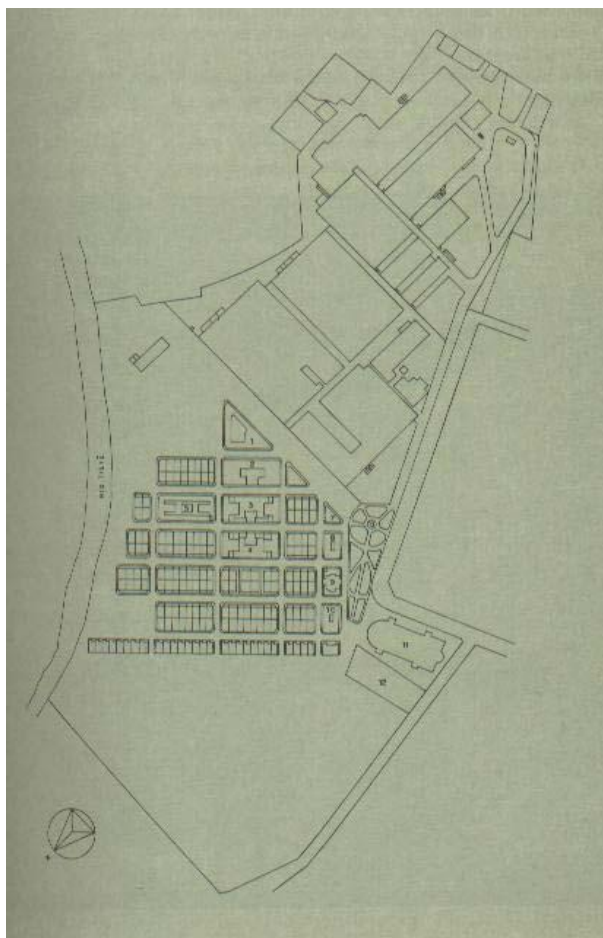


Figura 2: Implantação da Vila Maria Zélia.

Fonte: BENCLOWICZ, 1989.

Suas residências possuíam somente um pavimento, sendo todas geminadas, com as fachadas voltadas para as ruas principais. Somente as janelas se abriam para as travessas. Algumas das casas possuíam um jardim na frente por causa dos recuos em relação ao alinhamento da calçada.

As calçadas eram todas cimentadas, mas a rua não era pavimentada, possuindo apenas meio fio de tijolos justapostos e arredondados. As áreas verdes de maior porte localizavam-se junto ao acesso principal da vila, e também, próximas ao rio.

A estrutura dos edifícios maiores é de ferro fundido e o conjunto de casas foi todo construído em alvenaria de tijolos, revestido com cimento e pó de pedra. Foram construídos seis tipos de plantas para três casas diferentes: casa tipo, casa de esquina e chalé. As casas de esquina eram as maiores, com

três quartos, sala, cozinha e banheiro externo. As restantes possuíam dois quartos e o banheiro não tinha acesso direto ao interior da casa. Os chalés, construídos em 1920, tinham dimensões maiores.



Figura 3: Construção com estrutura de ferro, Vila Maria Zélia.

Fonte: Site Vila Maria Zélia, 2010

Os quarteirões residenciais, dentro de um corpo contínuo de casas geminadas, foram tratados arquitetonicamente como um todo. As linhas geometrizadas dos frisos ornamentais que caracterizavam as fachadas dos conjuntos residenciais eram antecipações do “Art Déco”, que se expandiria em São Paulo a partir do final da década de 20.



Figura 4: Casa de esquina, Vila Maria Zélia.

Fonte: Site Vila Maria Zélia, 2010



Figura 5: Casas geminadas, Vila Maria Zélia.

Fonte: BENCLOWICZ, 1989.

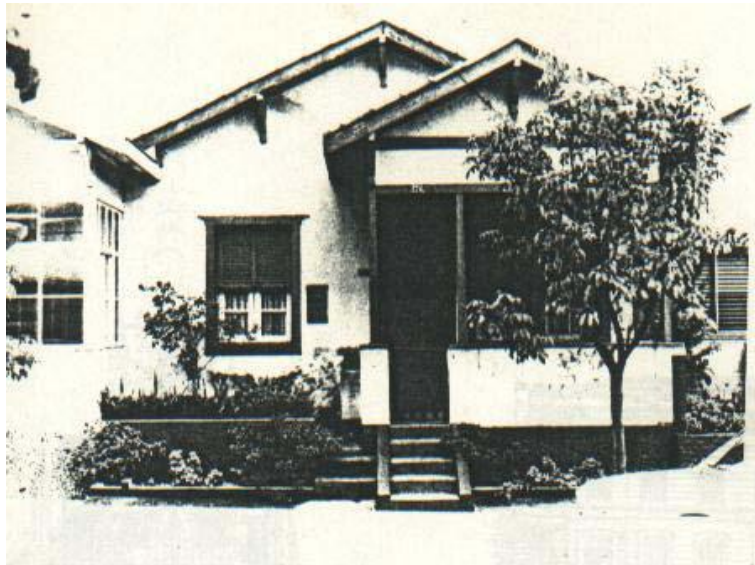


Figura 6: Chalé, Vila Maria Zélia.

Fonte: BLAY, 1985.

Nesta época o Estado teve uma pequena influência sobre as vilas operárias através de incentivos fiscais para os empreendedores, mas foi no governo de Getúlio Vargas que a habitação social foi tratada com uma força nunca antes vista em nenhum período anterior na história do Brasil.

1.2 – A HABITAÇÃO SOCIAL NO GOVERNO GETÚLIO VARGAS E A PRODUÇÃO DOS IAPS

Na gestão de Getúlio Vargas o trabalhador foi reconhecido pelo Estado, porém ainda era marginalizado pela sociedade. A questão da habitação social foi levantada pelo governo como aspecto crucial e, a partir disto, várias questões foram levantadas tanto por parte de profissionais de diversas áreas do conhecimento como dos próprios trabalhadores. O acesso a casa própria foi uma das problemáticas mais discutidas nesse contexto e se tornou símbolo da valorização do trabalhador. “Para o trabalhador urbano a casa própria simbolizava o progresso material. Ao viabilizar o acesso à propriedade, a sociedade estaria valorizando o trabalho, demonstrando que ele compensa, gera frutos e riquezas.” (BONDUKI 1998: 84).

Além disto, era de interesse do governo manter a ordem do operariado e, para tal, era necessário disseminar um comportamento cultural burguês. Desta forma o trabalhador não deveria viver em cortiços, lugares de criminalidade e vagabundagem. A recriação do espírito burguês trazia a concepção de casas com “mais luz, mais ar, um jardimzinho e um quintal” (ARAUJO 1942, apud BONDUKI 1998).

Porém, as casas próprias mais acessíveis se encontravam na periferia da cidade. Assim se fez necessário um convencimento do trabalhador para que este aceitasse a condição de morar longe do centro, no qual estava habituado a viver. Para isto seria necessário um investimento em transporte para fazer a ligação da moradia com o local de trabalho e, por este motivo, muitos trabalhadores preferiram continuar morando nos cortiços do centro por causa das dificuldades com a locomoção.

Ao contrário deste conceito da casa unifamiliar, os IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensões), criados nos anos 30, inseriram em muitos de seus projetos tipologias e implantações de caráter modernista. Estes Institutos

arrecadavam capital de seus contribuintes para o pagamento de uma futura pensão aos mesmos e, para aumentar seu capital, também investiam em habitação social, por este ser um investimento seguro e rentável. Para eles, a habitação estava em segundo plano, pois sua intenção era apenas a de obter lucro, porém tiveram muita influência na conjuntura habitacional do período.

A maioria dos projetos habitacionais construídos pelos IAPs nesta época seguiam o padrão do modernismo, compactuando com os conceitos de economia, prática, técnica e estética e viabilizando financeiramente o atendimento a trabalhadores de baixa renda, garantindo dignidade e qualidade arquitetônica.

O urbanismo habitacional de padrão arquitetônico moderno colocado em prática pelos IAPs, baseado em grandes conjuntos habitacionais para locação e equipamentos coletivos anexos, contradiziam a primeira ideologia do Estado Novo, que concebia a família como célula básica da nação e antídoto natural para a promiscuidade moral e agitação política.

Por volta da década de 40, a modernização e a industrialização da sociedade formaram um novo estilo de vida, o qual requeria um novo modo de morar. Vargas começou então a apoiar a racionalização da construção, a fim de implementar a produção da moradia em grande escala. “Na mesma área de terreno onde podíamos abrigar 5 mil pessoas, em casas individuais, modestas, era possível alojar 25 mil em apartamentos modernos e confortáveis.” (RAMALHO 1986, apud BONDUKI 1998)

A alternativa encontrada foi a busca de desenhos e projetos capazes de simplificar os processos construtivos, não visando os resultados formais e sim a produção em massa de moradias para atender a imensa demanda de cidades industriais e responder os anseios dos trabalhadores que buscavam qualidade de vida.

A influência da arquitetura moderna foi importante para a renovação das tipologias dos projetos, processos construtivos, implantações urbanísticas, programas habitacionais e o modo de morar. A preocupação com o barateamento da construção racionalizou, industrializou e, principalmente,

verticalizou os empreendimentos. Estes conceitos passaram a fazer parte das diretrizes do projeto.

Os arquitetos modernos também passaram a dar enorme importância ao mobiliário da residência, o que acabou se tornando um dos aspectos mais importantes da arquitetura deste tipo de habitação neste período. Ao estabelecer as relações entre habitação, cidade e sociedade, e ao buscar a moradia mínima, a célula individual, os arquitetos modernos propuseram que as funções domésticas fossem transferidas do espaço privado para os equipamentos sociais e comunitários. Esta proposta modificou a relação entre o espaço público e o privado.

Este tipo de construção moderna também deveria superar o modelo da habitação do operariado, por isso reproduziram nela uma miniatura da casa burguesa. Para esta realização dois elementos foram essenciais: a simplificação do trabalho doméstico por meio da racionalização da cozinha e de outras áreas de serviço, que também se tornaram coletivas, e a renovação do mobiliário, adequando-o à unidade habitacional de tamanho mínimo, de forma que este fosse de fácil manutenção e capaz de ser produzido em grande escala.

Os conjuntos dos IAPs não foram obra do acaso ou do empenho de um ou outro arquiteto. Arquitetos como Rubens Porto desempenharam papel importante nesse processo. Para a arquitetura funcional e moderna ele utilizava uma solução racionalizada da planta, estandardização dos elementos da construção, emprego racional dos materiais e eliminação de toda a decoração supérflua.

Defendia também a existência de conjuntos habitacionais isolados do traçado urbano, a construção de blocos, a limitação do gabarito, o uso de pilotis, a implantação dos apartamentos duplex, os processos de construção racionalizada, a edificação de conjuntos autônomos, a articulação dos conjuntos habitacionais com planos urbanísticos e a entrega da casa mobiliada de forma racional.

Para exemplificar os conjuntos residenciais dos IAPs, nada melhor que o conjunto residencial de Pedregulho, que se localiza no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro. Projetado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy, este possui a estética e os princípios defendidos por Le Corbusier. O cuidado com as tecnologias aplicadas na construção, a economia dos recursos utilizados e as preocupações funcionais como o controle da luz e da ventilação caracterizam o conjunto.

Este abriga blocos residenciais e equipamentos de uso comum como jardim-de-infância, maternal, berçário, escola primária, mercado, lavanderia, quadras esportivas, ginásios, piscina, vestiários e um centro comercial. Constituído por 328 unidades habitacionais, cada bloco é definido por um volume simples, integrado com o seu conjunto mais complexo, onde a forma indica a diferença de funções. O paralelepípedo destina-se aos prédios residenciais, o prisma trapezoidal aos edifícios públicos e as abóbadas, às construções desportivas.

Os prédios residenciais são evidenciados pela concepção das fachadas (montadas pela alternância entre brise-soleils fixos, faixas contínuas de peitoris e janelas venezianas), na justaposição de planos cheios e das superfícies vazadas e no uso de cores contrastantes.



Figura 7: Conjunto Habitacional Pedregulho.

Fonte: BONDUKI, 1998.



Figura 8: Conjunto Habitacional Pedregulho.

Fonte: PUC-RJ, 1985.

1.3 – A AUTO-CONSTRUÇÃO

Com a Lei do Inquilinato promulgada em 1942, o mercado de locação desmoronou e os IAPs tiveram seus rendimentos declinados consideravelmente. Nesta mesma época a imigração para as cidades aumentou devido ao crescimento econômico proporcionado pela Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, a demanda por moradia também. Como a produção de habitação era pouca, em vista das necessidades do país, e as casas de aluguel se tornaram raras devido à Lei do Inquilinato, vários trabalhadores começaram a construir suas próprias casas na periferia. Outros preferiam continuar na área central da cidade por estar próxima ao local de emprego e transporte.

Esta interferência na malha urbana formou espaços de alta densidade habitacional e populacional, sem infra-estrutura e “separado” do restante da cidade como as favelas. “Ao contrario do Rio de Janeiro, onde as favelas surgiram no inicio do século, em São Paulo elas foram um produto da crise de habitação na década de 1940” (BONDUKI, 1998:261).

As primeiras favelas da cidade de São Paulo se encontravam nas áreas centrais por serem próximas ao local de trabalho. Ocupavam terrenos baldios e os barracos eram construídos pelos próprios moradores. Estas trouxeram o problema habitacional, antes escondido pelos cortiços, para as ruas. Contrastavam com a cidade nova que surgia e chocavam a população.

Os favelados foram estigmatizados como marginais e desocupados, porém eram trabalhadores assalariados como quaisquer outros, só preferiram não construir casas na periferia por causa da longa distância percorrida até o trabalho.

Desde então inúmeros terrenos e glebas da cidade foram ocupados por construções irregulares, até que o poder público se viu obrigado a se

manifestar e levar infra-estrutura a estes espaços que abrigavam milhares de pessoas.

Atualmente a reurbanização de favelas é um tema bastante comum e um dos mais importantes na gestão de uma cidade. Hoje é impossível negar estas enormes porções da cidade que têm suas próprias regras, sua própria composição e sua própria estrutura.

2 – A FAVELA DE HELIÓPOLIS

O estudo da favela de Heliópolis possibilitou melhor entendimento sobre as diferenças entre a cidade formal e a cidade informal, caracterizada pelas comunidades auto-empreendidas, suas diversidades e contestações.

Com um relevo plano, ruas estreitas e alta densidade habitacional, Heliópolis situa-se em uma área muito bem localizada e servida de transporte público. Atualmente a região também conta com vários equipamentos urbanos como hospitais, escolas e institutos, porém nem sempre foi assim.

Heliópolis guarda em sua memória uma história de luta e perseverança que vem acumulando vitórias a 40 anos, desde a instalação dos serviços de água a luz até a criação de bibliotecas, creches e conjuntos habitacionais. Porém ainda há muito o que ser feito, principalmente em relação à segurança, educação, infra-estrutura e moradia pois as diversas necessidades da comunidade ainda são enormes.

2.1- SURGIMENTO DE HELIÓPOLIS COMO FAVELA

A primeira favela conhecida da cidade de São Paulo foi constituída em 1945, próxima a um antigo bairro industrial, o bairro da Mooca. Esta favela, denominada Favela de Vila Prudente, ainda é existente nos dias atuais e abriga cerca de 17.000 pessoas ⁽¹⁾.

Outra favela muito antiga na cidade é a Favela do Vergueiro, hoje já extinta, que se situava no local onde se encontra o loteamento de alto padrão Chácara Klabin, no bairro Vila Mariana, que abrigava 1.171 barracos e cerca de 5.000 pessoas nos anos de 1970 ⁽²⁾.

Para a urbanização destas áreas ocupadas ilegalmente, em 1971 e 1972 o poder público retirou 153 famílias destas duas favelas e as transferiu para alojamentos provisórios em um terreno do IAPAS (Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social), localizado em Heliópolis, região sudeste do município, bairro do Sacomã. Esta gleba, de aproximadamente um milhão de metros quadrados, fora pertencente ao IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), que pretendia construir ali moradias para seus associados, o que não ocorreu.

Nesta gleba já haviam sido implantadas 36 casas que faziam parte do Conjunto Residencial Heliópolis, ainda hoje existentes. “Segundo testemunho de Álvaro Pinto Aguiar, essas casas, destinadas a aluguel, foram construídas pela família Álvares Penteado para dar início à ocupação do loteamento” (SAMPAIO 1990:30). Ali também já existiam alguns barracos construídos pelos operários que trabalharam na construção do Hospital Heliópolis em 1969.

(1) Segundo informações do site da escola da comunidade
([HTTP://www.escolinhaarcadenoe.org.br/PT/escolinha/Favela.htm](http://www.escolinhaarcadenoe.org.br/PT/escolinha/Favela.htm))

(2) Segundo informações do site do loteamento
([HTTP://www.chacaraklabin.com.br/oklabin/historia/default.asp?materia=1](http://www.chacaraklabin.com.br/oklabin/historia/default.asp?materia=1)).



Figura 9: Antigas construções do Conjunto Residencial Heliópolis.

Fonte: Google Earth, 2010.

O alojamento destas 153 famílias na área foi o início da intensa ocupação que ocorreu neste espaço nos anos seguintes. “Depois que a Prefeitura instalou em Heliópolis os primeiros alojamentos provisórios, novos moradores foram chegando gradativamente e construindo seus barracos nas proximidades dos alojamentos.” (SAMPAIO 1990:31). Muitos trabalhadores também se instalaram ali entre os anos de 1970 e 1980 devido à proximidade da gleba com as metalúrgicas das cidades vizinhas do ABC. Com o crescimento da procura por barracos nessa área, o surgimento de grileiros foi inevitável. “O clima era de violência, com contínuas disputas entre invasores e grileiros” (SAMPAIO 1990:32).

2.2 – LOCALIZAÇÃO DA FAVELA E AS FACILIDADES DE DESLOCAMENTO

A intensa procura por moradia neste espaço também se deu por sua localização privilegiada. Na década de 70 e 80 a região já era valorizada pela proximidade de ruas e corredores viários de grande circulação como a Av. Almirante Delamare, Rua Juntas Provisórias e a Estrada das Lágrimas, além da Via Anchieta. O Hospital Heliópolis, a infra-estrutura urbana ao redor da gleba, o comércio diversificado e os equipamentos urbanos também qualificaram a região.

Com sua localização privilegiada, na divisa de São Paulo com São Caetano do Sul, a área tem fácil acesso tanto para a Marginal Pinheiros pela Av. Tancredo Neves/Bandeirantes, quanto para a Marginal Tietê pela Av. Juntas Provisórias, principais vias expressas de São Paulo. Pela Via Anchieta, esta região é conectada a todas as cidades do ABCD, que possuem grandes parques industriais.

2.3 – INFORMAÇÕES SOBRE A INFRA-ESTRUTURA, MODO DE VIDA DOS MORADORES E A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO NÚCLEO HELIÓPOLIS

Diferentemente do entorno, a infra-estrutura interna da gleba ocupada era mínima. Um dos aspectos cruciais para a implantação de melhorias na área e sua crescente valorização com o passar do tempo foi a união dos moradores. A obtenção dos serviços de água e luz foi um dos primeiros resultados alcançados pelas reivindicações da população, organizada na forma de uma Comissão de Moradores.

Em outubro de 1982 a Unidade Regional de Atendimento Habitacional do Ipiranga iniciou um trabalho social na área, visando à implantação dos programas Pró-luz e Pró-água, desenvolvidos na gestão do então prefeito da cidade de São Paulo, Reynaldo de Barros. Nesta mesma época também foi implantado na comunidade um Espaço Comunitário para o funcionamento da OSEM – Organização Sócio Educativa do Menor e uma horta comunitária (SAMPAIO 1990:55). Outras conquistas foram se somando com o passar do tempo, como a coleta de lixo, a execução de galerias de águas pluviais e o asfaltamento de vias. Estas melhorias foram acontecendo muito vagarosamente e a partir de muita luta por parte das lideranças e da população.

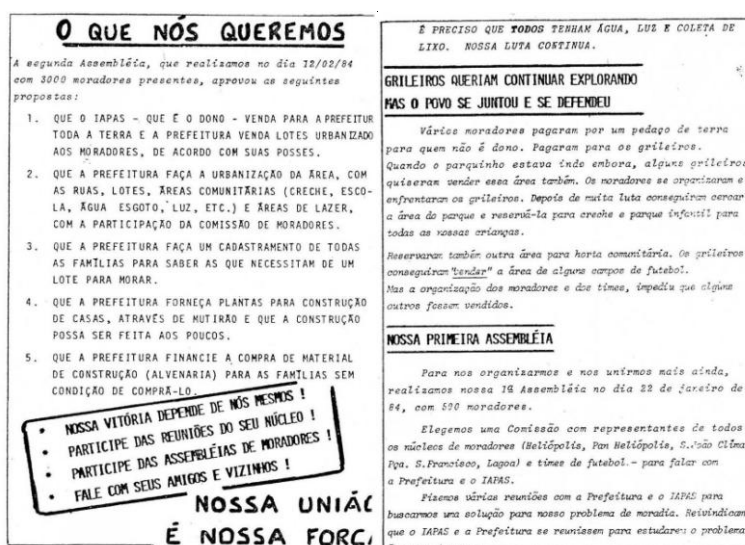


Figura 10: Folhetos.

Fonte: SAMPAIO, 1990

Atualmente esta região da cidade se encontra ainda mais valorizada. Hoje Heliópolis conta com um índice de abastecimento de água de 83%, de esgotamento sanitário de 62%, de rede elétrica domiciliar de 94%, de iluminação pública de 57% e de vias pavimentadas de 97%, segundo dados da Secretaria de Habitação do Município de São Paulo.

Ainda segundo esta mesma fonte, todo o lixo da favela é coletado. Nas ruas e vielas onde os caminhões não conseguem trafegar existem caçambas de lixo para o depósito do material, porém, mesmo com estas providências, as ruas continuam muito sujas. O serviço de coleta de lixo existente é insuficiente para as demandas da favela que, principalmente, produz muito entulho derivado da construção civil. Este tipo de lixo não é coletado pelo caminhão da prefeitura e acaba se acumulando pelas ruas.

Já em relação ao transporte público, Heliópolis se encontra muito bem servida. A proximidade com o Terminal Sacomã, que integra o Expresso Tiradentes, a estação de metrô Sacomã e um terminal de ônibus, conecta a comunidade com praticamente toda a cidade. O Expresso Tiradentes liga o bairro do Sacomã ao Terminal Parque Dom Pedro, localizado no centro de São Paulo, em 20 minutos. A linha verde do metrô interliga esta região à Av. Paulista e a vários pontos da cidade. Além disto, o Terminal de ônibus do Sacomã é servido por diversas linhas de ônibus municipais e intermunicipais.



Figura 11: Terminal Sacomã.

Fonte: www.desfazendonos.wordpress.com/2009/06/26/expresso-tiradentes/, 2010.

Apesar de todo este sistema de transporte público próximo a Heliópolis, a maioria das ruas da comunidade não é servida de linhas de ônibus, pelo fato desta ter seu sistema viário muito estreito. Para poderem ter acesso a estas linhas os moradores têm que se deslocar para as ruas de maior circulação como a Av. Almirante Delamare, Estrada das Lágrimas e Rua Coronel Silva Castro, que dá acesso ao Hospital Heliópolis. Porém esta adversidade não impede que os moradores se manifestem muito satisfeitos com o transporte público nas redondezas. Suas maiores necessidades são em relação à moradia, educação e saúde.

Em 1986, em pesquisa socioeconômica e levantamento cadastral realizado pela COHAB, a população considerou os equipamentos de saúde satisfatórios devido à presença do Hospital Heliópolis e do Posto de Assistência Médica (PAM), construídos em abril de 1969 pelo IAPAS. O Hospital Heliópolis presta atendimento público de saúde e atende, principalmente, a população da região sudeste da capital e dos Municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema. Este estabelecimento hospitalar é identificado como de referência, principalmente em se tratando das especialidades de cabeça e pescoço. Porém, o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP), em vistoria realizada neste hospital em novembro do ano de 1999, constatou várias irregularidades. “Como se percebe pelo relatório apresentado pelos Médicos Fiscais do Conselho Regional de Medicina, a situação do hospital Heliópolis, quanto ao atendimento aos necessitados daquele serviço essencial, é calamitosa e geradora de concreto e iminente risco à integridade física e moral daqueles pacientes”. (Ação Civil Pública do Ministério Público contra o Estado de São Paulo – 21 de Agosto de 2000).

Atualmente o Hospital realmente não vem suprimindo todas as necessidades da favela e das redondezas. Segundo depoimentos dos moradores, o serviço é bastante lento e as dependências do hospital estão em péssimo estado de conservação. O PAM também se encontra em uma situação muito similar, mesmo depois de privatizado.



Figura 12: Hospital Heliópolis

Fonte: Google Earth, 2010

Para complementar o atendimento à população e aliviar a demanda dos hospitais, em 2009 o Governo do Estado de São Paulo implantou um Ambulatório Médico de Especialidades (AME) em Heliópolis. Nele são realizadas consultas, exames e pequenas cirurgias, além de prestar um atendimento exclusivo aos jovens de 10 a 20 anos, com acompanhamento de médicos, psicólogos, dentistas, enfermeiros, nutricionistas, assistente social e educador físico, através da Casa do Adolescente, anexa ao AME. Porém, segundo relatos da população, as pequenas cirurgias têm de ser marcadas com muita antecedência devido à demora no atendimento, uma situação infelizmente comum em qualquer serviço de saúde pública no Brasil.

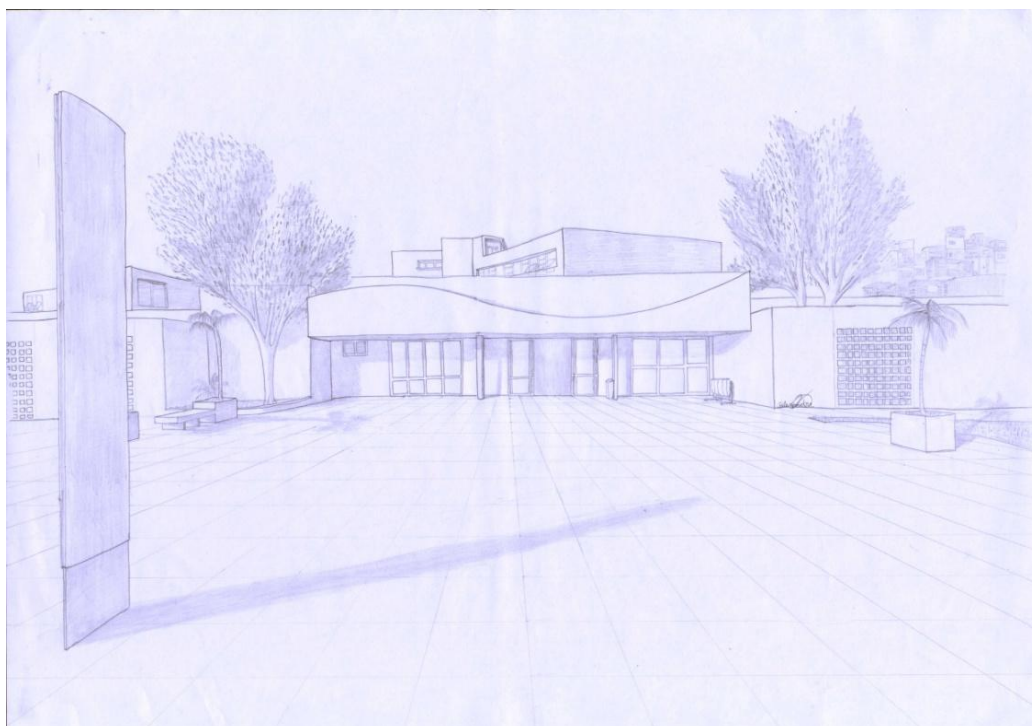


Figura 13: AME Heliópolis.

Fonte: Desenho de autoria de Alexandre Morrone.

A mesma pesquisa realizada em 1986 apresentou resultados referentes aos equipamentos de Educação em Heliópolis. “Verifica-se uma grande carência de equipamentos, principalmente os destinados às crianças de até 6 anos de idade. No que diz respeito às escolas de 1º grau, a existência de equipamentos no entorno, faz com que a demanda seja menor” (SAMPAIO 1990:101).

Para se ter uma idéia, nesta época, apenas 6% das crianças com faixa etária até 3 anos de idade freqüentavam creches. Das crianças com idade entre 4 a 6 anos somente um quarto estavam em jardins de infância. Já entre as crianças de 7 a 9 anos, somente 75% estavam matriculadas na escola. Este número subia para 80% entre as crianças de 10 a 14 anos e caía para 37% entre os jovens de 15 a 17 anos de idade” (SAMPAIO 1990: 100).

Mesmo sendo possível concluir que em meados da década de 90 a implantação de equipamentos urbanos na favela, principalmente educacionais, ainda era muito escassa, a população se sentia bem servida quando se tratava de equipamentos comunitários, “dada a existência de 8 Centros Comunitários em funcionamento na região” (SAMPAIO 1990:102). Este é mais um exemplo da força e da abrangência, desde o princípio, das lideranças comunitárias na área de Heliópolis.

Atualmente, nesta região, existem cerca de 19 Centros de Educação Infantil (CEIs). O site da Prefeitura do Município de São Paulo disponibiliza dados a respeito da quantidade de vagas oferecidas e de vagas remanescentes de várias instituições municipais no mês de Junho de 2010, inclusive dos CEIs, creches municipais que atendem crianças de 0 a 3 anos de idade em tempo integral. Todas estas 19 instituições juntas acolhem em torno de 2900 crianças e em nenhuma delas existem vagas remanescentes. Por meio de entrevista cedida pelo telefone, a diretora do CEI Zezinho, Rosângela, confirmou a falta de vagas. Segundo ela, a demanda por creches na região é muito grande e realmente é difícil encontrar vagas remanescentes. Na realidade, a maioria destas surgem no final do ano, quando as crianças que

completam 4 anos são transferidas para as EMEIs. No meio do ano as vagas somente surgem se houverem desistências.

Nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), que atendem crianças de 4 a 6 anos de idade a situação não é muito diferente. Existem aproximadamente 7 EMEIs nos arredores de Heliópolis, totalizando cerca de 2867 vagas oferecidas e apenas 5 vagas remanescentes. Estes dados ainda apontam a insuficiência de instituições que apóiam crianças desta faixa etária e suas mães nas redondezas. Como a maioria destas mulheres não podem abandonar seus trabalhos pois sustentam suas famílias ou complementam a renda familiar, não conseguem dar assistência necessária às crianças. Desta forma muitas passam o dia com vizinhos, irmãos ou na rua, possibilitando o contato com a marginalidade, ao invés de freqüentarem a escola.

Com relação às escolas de 1º grau, condizendo com o que já acontecia há 24 anos atrás, a situação é um pouco melhor. As EMEFs, Escolas Municipais de Ensino Fundamental, existem em menor número na região, apenas 4, porém têm uma capacidade para 4892 alunos. Deste total de vagas, 392 são remanescentes, o que nos leva a crer que não faltam escolas para as crianças com esta faixa etária.

Existem ainda na região cerca de 8 Escolas Estaduais que atendem estudantes desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio no qual crianças e adolescentes podem cursar gratuitamente. Há a Escola Técnica que foi inaugurada em setembro de 2009 e possui um papel muito importante em Heliópolis, tanto por criar oportunidades quanto por ser uma conquista da população. Além do Ensino Médio, a Etec de Heliópolis oferece cinco cursos gratuitos como Administração, Design de Interiores, Edificações, Informática e Nutrição e Dietética.

A Etec está localizada em um pólo denominado CEU (Centro de Educação Unificado), cujas obras iniciaram-se em setembro de 2007 e tiveram a participação do Arquiteto Ruy Ohtake. Este CEU foi um dos resultados mais positivos da luta da comunidade até os dias atuais. Além da Etec, o espaço contará com quadras poliesportivas, três creches, praças, Centro Cultural e

uma nova sede do Instituto Baccarelli, além de se integrar à EMEF Presidente Campos Salles e à EMEI Antônio Francisco Lisboa já existentes.



Figura 14: Etec Heliópolis.

Fonte: [Google](#) Earth, 2010.

O Instituto Baccarelli oferece aulas de diversos instrumentos musicais à população de Heliópolis e conta com uma Orquestra Sinfônica e Coral. Trabalhos como este são de extrema importância para a juventude da comunidade, que ocupam o tempo livre com música e cultura, além de terem a oportunidade de seguir estes passos como uma carreira musical.

Atividades que envolvem a arte ou esporte, destinadas principalmente aos jovens, têm sido valorizadas como alternativas de ocupação do tempo livre, gerando bons trabalhos de espírito comunitário e de descobertas para sucessos para a carreira pessoal. Notícias em jornais têm apresentado diversas experiências semelhantes e bem sucedidas em outras favelas.

Hoje em dia Heliópolis conta com muitas iniciativas pioneiras como estas. Na comunidade existem vários programas que incentivam os jovens e, conseqüentemente, os protegem da criminalidade. Os CCAs (Centros da Criança e Adolescente), por exemplo, são espaços mantidos pelo Unas (União de Núcleos, Associações e Sociedades dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco) que oferecem às crianças e jovens diversas opções de esporte e lazer. Neles são atendidas cerca de 120 crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos.

A Biblioteca Comunitária também é outra iniciativa importante para a comunidade, não somente pelo fato de ser um pólo cultural, mas

também por se integrar à densa malha urbana de Heliópolis. Este é um fato que precisa ser analisado, pois a maioria dos equipamentos urbanos estão localizados nos arredores da favela. A integração destes com os moradores faz com que sejam mais utilizados e que nasça um sentimento de pertencimento junto à população, muito importante para a recuperação de áreas degradadas.

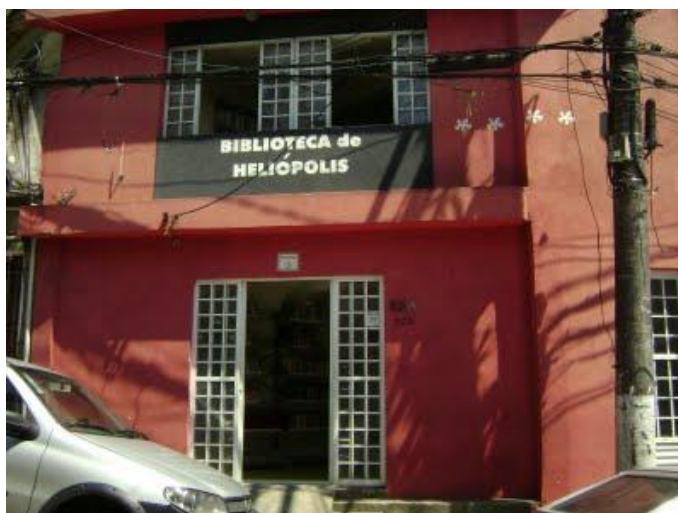


Figura 15: Biblioteca Comunitária de Heliópolis.

Fonte: <http://icacomunica.blogspot.com/2009/12/lavanderia-comunitaria-omo.html>, 2010

Outro equipamento muito utilizado pela população é a Lavanderia Comunitária. Mesmo tendo sua localização distanciada de boa parte da favela, é nítido o quanto esta é incorporada à vida da comunidade. Patrocinada pela OMO, este espaço conta com máquinas de lavar, secadoras e tanques para utilização das mulheres de Heliópolis. Nele, além de poderem lavar suas roupas com maior rapidez, já que a maioria dos moradores não possuem estes bens em suas residências, as donas de casa ainda contam com um espaço para o entretenimento das crianças.



Figura 16: Lavanderia Comunitária de Heliópolis.

Fonte: <http://icacomunica.blogspot.com/2009/12/lavanderia-comunitaria-omo.html>, 2010



Figura 17: Espaço de recreação infantil da lavanderia

Fonte: <http://icacomunica.blogspot.com/2009/12/lavanderia-comunitaria-omo.html>, 2010

Porém, o projeto com mais apelo, participação e carinho da comunidade, sem dúvida, é a rádio Heliópolis. Esta faz parte da história da comunidade, conta com uma programação bastante eclética, como seus próprios moradores e, principalmente, dialoga com a comunidade, transmitindo notícias e divulgando os eventos mais importantes.



Figura 18: Rádio Heliópolis

Fonte: <http://icacomunica.blogspot.com/2009/12/lavanderia-comunitaria-omo.html>, 2010

2.4 – A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA EM HELIÓPOLIS

A força e a união comunitária presentes desde cedo na comunidade, que tanto lutava por seus direitos, não se envolvia em um dos mais graves problemas da favela, a violência. Uma pesquisa realizada em 1986 por um grupo de trabalho multiprofissional ligados à Unidade Básica de Saúde do Sacomã constatou que a violência foi responsável por 48% das mortes naquele ano (SAMPAIO 1990:102).

A insegurança era constante, principalmente ocasionada pela ação de “justiceiros”, que agiam encapuzados, ameaçavam e matavam jovens e adultos. Maria Ruth Amaral de Sampaio relata o desespero de moradores da favela em sua tese de mestrado Heliópolis: o percurso de uma invasão apresentada à FAUUSP EM 1991 : “A.X.S., é morador da Rua 3 de Maio, 16-A, em casa de alvenaria com três cômodos e banheiro. Houve um tiroteio na frente da casa dele, mataram uma pessoa, ele viu e ficou apavorado; hoje só

vai da casa para o trabalho e vice-versa, não é ligado a nenhum grupo, nem religioso nem político, vive para a família e para o trabalho, “não quer mais ficar neste lugar onde mata-se pessoas por nada””.

Felizmente este quadro foi revertido. Entre janeiro e maio do ano de 2005, em comparação ao mesmo período de 2001, a criminalidade caiu em Heliópolis 49%, segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Estes dados têm como referência o ano de 2001 porque este foi um ano com um dos maiores índices de homicídio: 80 casos. Desde então a criminalidade vem caindo consideravelmente. Desde 2004 não há mais chacinas no bairro. Porém ainda é muito comum ouvir nos noticiários situações de conflito na comunidade, como o tráfico de drogas e a intervenção, muitas vezes questionada, da polícia.

2.5 – O MERCADO INFORMAL E A REDE DE RELAÇÕES INTERNAS

Na comunidade, a cooperação e os negócios familiares são notórios nas ruas e estabelecimentos. Estes são quase sempre empresas familiares, que fazem seus próprios horários e têm uma freguesia conhecida. Neste tipo de mercado informal predominam as relações pessoais entre o comerciante e o cliente. Geralmente os locais de comércio e serviço são localizados na frente ou embaixo das moradias dos próprios donos e não tem permissão legal para funcionar. Estes pequenos negócios atuam em diferentes setores, desde oficinas mecânicas a salões de beleza, passando por bares, marcenarias, açougues, mercearias e etc. É importante ressaltar também que são nestes estabelecimentos que os novos migrantes encontram trabalho ao chegar, muitas vezes no negócio de parentes ou de alguém conhecido destes.

No início dos anos 90 existiam em Heliópolis 90 estabelecimentos comerciais, dos quais 50 eram bares, comercializando, em sua maioria, bebidas alcoólicas, refrigerantes, salgadinhos e cigarros. “Esses bares

constituíam a principal forma de lazer da população masculina da favela” (SAMPAIO 1990:160). As vendas nestes locais eram feitas principalmente a crédito. Se o cliente não pagasse, o crédito era cortado e se iniciava uma negociação para a quitação da dívida.

Este mercado informal presente no cotidiano de Heliópolis é extremamente importante para o seu funcionamento, tudo pode ser encontrado por lá. Além de abastecer a comunidade estes estabelecimentos também são locais de lazer e pontos de encontro, já que nesta região a falta de áreas de lazer e recreação é muito grande.

3. AS INICIATIVAS NO INTERIOR DA FAVELA, OS PROJETOS HABITACIONAIS E A QUALIDADE DO ESPAÇO URBANO

3.1 – A PARCERIA COM RUY OHTAKE

O envolvimento do Arquiteto Ruy Ohtake na favela de Heliópolis teve início no ano de 2005, quando este foi convidado por um dos líderes da comunidade para transformar a favela em um lugar mais bonito para se viver. Aceito o convite, o primeiro projeto realizado foi a pintura das fachadas de um conjunto de casas de alvenaria, com o intuito de elevar a auto-estima da população através das cores.

A comunidade elegeu duas ruas para a intervenção: a Rua da Mina e a Rua Paraíba, abrangendo um total de 278 casas. Cada morador escolheu a cor de sua residência, porém o arquiteto fez estudos sobre as composições cromáticas. A pintura foi feita por pintores profissionais contratados pelo patrocinador e por pintores da comunidade capacitados pelo mesmo.



Figura 19: Fachadas reformadas pela intervenção

Fonte: //ruyohtake.com.br, 2010



Figura 20: Fachadas reformadas pela intervenção

Fonte: //ruyohtake.com.br, 2010

O sucesso desta intervenção foi tão grande, que Ruy Ohtake também reformou duas casas no interior da comunidade para a construção da Biblioteca Comunitária inaugurada em 2006 que atende cerca de 120 moradores diariamente.

Em 2007, iniciou-se uma pequena reforma em um velho galpão de depósitos da prefeitura de São Paulo para a construção de um centro cultural. Este centro se integra à três creches, à Escola Técnica Estadual (Etec) e às já existentes escolas, formando uma área de 35.994m² de pólo educacional e cultural. No pavimento superior do Centro Cultural foram construídas três salas

para atividades múltiplas e no térreo se localiza o cinema-auditório-teatro para 120 pessoas. Externamente está localizada uma área descoberta com uma galeria de arte, um teatro infantil e um teatro ao ar livre.



Figura 21: Centro Cultural

Fonte: [//ruyohtake.com.br](http://ruyohtake.com.br), 2010

Além destes empreendimentos de cunho institucional e cultural, em 2008 Ruy Ohtake também foi convidado para projetar em Heliópolis um conjunto de edifícios residenciais de interesse social. O projeto conta com a construção de 71 edifícios, todos circulares, num terreno que pertencia à Sabesp e hoje pertence à Sehab (Secretaria Municipal de Habitação). Cada edifício tem 4 andares e 18 apartamentos de 52m² cada e contam com dois apartamentos no térreo adaptados para idosos ou portadores de deficiência física.



Figura 22: Edifício do Conjunto Habitacional de Heliópolis

Fonte: [//ruyohtake.com.br](http://ruyohtake.com.br), 2010

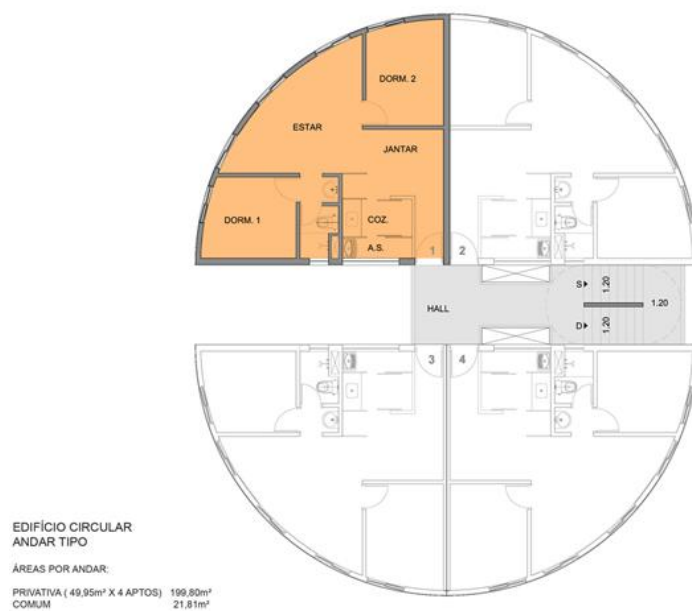


Figura 23: Planta do Edifício do Conjunto Habitacional de Heliópolis

Fonte: //ruyohtake.com.br, 2010

Independentemente de discussões sobre as questões específicas sobre as especificidades do projeto, intervenções como estas são fundamentais para a efetiva qualificação do o espaço urbano das nossas cidades, principalmente em regiões degradadas como as favelas, pois além de implantarem equipamentos urbanos de extrema importância para o desenvolvimento cultural e social da população, também renovam o espaço urbano, trazendo mais identidade e comprometimento com o lugar.

3.2 – A COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO

A composição do espaço urbano de uma favela é totalmente distinto da composição de uma cidade formal e em Heliópolis esta situação não é diferente. As ruas oficiais, já estreitas, se dividem em várias vielas que dão acesso aos lotes internos dos quarteirões. Este peculiar desenho do espaço construído, com lotes no interior das quadras, acessados por vielas ou por passagens dentro dos próprios lotes lindeiros aos logradouros, é uma característica marcante, sempre presente na favela e bastante problemática.

Isto se deu devido à intensa ocupação desordenada da gleba e à altíssima densidade habitacional e populacional de Heliópolis, que se aproxima de 1250 hab/hectare. Nesta comunidade, a maioria da população é oriunda de outros estados do país, principalmente da região nordeste, e sempre acolheu parentes e amigos que também se mudaram para São Paulo nos fundos de seus barracos, formando assim um emaranhado de vielas e becos no interior dos quarteirões para prover acesso a estes lotes.

Este desenho cria corredores sem iluminação e ventilação que são propícios para a ocorrência de crimes e para o acúmulo de lixo, além de cultivar um ambiente insalubre para a moradia. Tamanha densidade habitacional não permite a circulação do ar necessária nem mesmo a entrada de luz nas habitações já precárias.

Nas ruas de Heliópolis é possível notar a precariedade das habitações, porém sua grande maioria é construída de alvenaria e este material construtivo já simboliza o avanço da comunidade. Além de ser mais estável e oferecer maior segurança, a alvenaria é mais resistente a incêndios do que outros materiais bastante comuns na construção de habitações em favelas, como madeira e papelão.



Figura 24: Vista da Favela de Heliópolis.

Fonte: Google Earth, 2010.

Em se tratando de gabarito, a área construída ocupada pela comunidade é bastante homogênea. A maioria das construções comportam de dois a três pavimentos e nenhum recuo entre elas é mantido, nem lateral nem frontal. Todas se situam muito próximas umas das outras e da própria rua, o que acaba por maximizar a sensação de aperto das ruas já estreitas.

As ruas oficiais da favela formam um traçado viário orgânico e não suportam o número de automóveis que circulam por elas. Mesmo muito estreitas, as ruas geralmente são mão dupla, causando transtornos aos motoristas. Vagas de estacionamento no leito viário são raras devido a este mesmo problema de dimensionamento.



Figura 25: Vista da Favela de Heliópolis.

Fonte: Google Earth, 2010.



Figura 26: Vista da Favela de Heliópolis.

Fonte: Google Earth, 2010.

Os espaços públicos também não são suficientes para a enorme população de Heliópolis, que chega a aproximadamente 125 mil habitantes que se espreme nos seus 1 milhão de metros quadrados. Praticamente nenhuma área verde é encontrada no espaço construído da favela e as áreas de lazer e praças também são muito raras. Tudo está ocupado por moradias, comércios e serviços, formando uma massa de construções sem nenhum respiro.

Atualmente algumas iniciativas estão sendo tomadas e novos espaços públicos sendo abertos, como o CEU (Centro Educacional Unificado) Heliópolis que além de equipamentos culturais também formará um espaço de qualidade. Porém, medidas como esta ainda são muito pequenas e pontuais perto das reais necessidades da comunidade.

Como Heliópolis forma um espaço totalmente construído, realmente a abertura de áreas verdes e espaços públicos dentro da comunidade é bastante complicada. Isto significa a retirada de muitas famílias de alguma área e a relocação destas é bastante difícil e demorada, necessitando de um projeto bem mais abrangente que inclui a construção de conjuntos habitacionais.



Figura 27: Vista da Favela de Heliópolis.

Fonte: Google Earth, 2010.



Figura 27: Vista da Favela de Heliópolis.

Fonte: Google Earth, 2010.

Alguns conjuntos habitacionais já foram construídos em Heliópolis e as opiniões sobre eles são bastante diversas. Todos estão localizados em apenas uma região da favela e atingem uma porcentagem mínima da população necessitada. Alguns estão satisfeitos com a qualidade dos edifícios, outros têm várias reclamações a fazer, porém uma opinião é muito comum entre os moradores: o maior problema dos conjuntos habitacionais é a gestão condominial.

A maioria dos moradores nunca teve contato com algo semelhante e a inadimplência no pagamento das taxas e a desobediência às normas do condomínio são reclamações constantes. Além disto, estas pessoas sempre viveram em casas, com liberdade para utilizarem o espaço da forma conveniente a elas. Em um edifício as circunstâncias são totalmente diferentes e algumas práticas não são permitidas, como a criação de animais.

Mesmo com tantos problemas a serem resolvidos, Heliópolis se mostra uma comunidade muito bem consolidada. Os problemas urbanísticos são evidentes, porém tudo pode ser resolvido com um bom projeto em parceria com o poder público. Com a transformação da favela em bairro no ano de 2006, a comunidade já deu um grandioso passo, agora só faltam os verdadeiros investimentos em moradia, saúde, lazer e segurança.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a habitação social e a favela de Heliópolis proporcionou uma maior compreensão sobre um dos temas mais discutidos das cidades atuais. Para fazermos uma análise mais concisa da temática, o estudo sobre a evolução da habitação social no Brasil e, principalmente, na cidade de São Paulo, além da história da formação de Heliópolis foram fundamentais.

Por meio das visitas feitas à comunidade, foi possível fazer uma leitura do espaço construído da favela e compará-lo com o restante da cidade, além de nos depararmos com vários problemas de cunho social como a falta de moradias, segurança, educação e saúde.

Notamos também algumas características bastante comuns em várias favelas como a diversidade, a miscigenação e seu funcionamento praticamente paralelo à cidade formal. Porém Heliópolis se distingue de outras comunidades auto-empreendidas por vários fatores, a começar pela boa localização e pelo fácil acesso à rede de transporte público. O espaço também é bastante valorizado devido aos diversos equipamentos e infra-estrutura lá existentes como escolas e hospitais.

Heliópolis também se diferencia pela intensa força comunitária ali existente, representada pela união dos moradores em diferentes organizações. Desta forma muitas metas foram conquistadas e várias parcerias foram feitas, o que só vem a somar para a comunidade e seus moradores. Este é um exemplo bem sucedido que deve ser seguido por outras comunidades na luta por melhorias na qualidade de vida e no ambiente habitado.

BIBLIOGRAFIA

BENCLOWICZ, Carla M. *Prelúdio Modernista: construindo a habitação operária em São Paulo*. 1989. Dissertação de mestrado, Fauusp, São Paulo, 1989.

BLAY, Eva Altermam. *Eu não tenho onde morar*. Editora Nobel, São Paulo, 1985.

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. Estação Liberdade / Fapesp, São Paulo, 1998.

MARTINS, Maria Lúcia Refinetti. *Moradia e Mananciais: Tensão e diálogo na Metrópole*. Fauusp / Fapesp, São Paulo, 2005.

REIDY, Affonso Eduardo. *Arquitetura - Brasil - séc. XX*. Pontifícia Universidade, Rio de Janeiro, 1985.

SAMORA, Patrícia Rodrigues. *Projeto de Habitação em Favelas: Especificidades e parâmetros de qualidade*. Tese de doutorado, Fauusp, São Paulo, 2009.

VIANA, Monica Peixoto. *Habitação e modos de vida em vila operária*. Usp, São Paulo, 2004.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-urbano no Brasil*. Editora Fapesp, São Paulo, 2001.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *Heliópolis, o percurso de uma invasão*. Tese de livre docência, Fauusp, São Paulo, 1990.

<http://www.habisp.inf.br/>

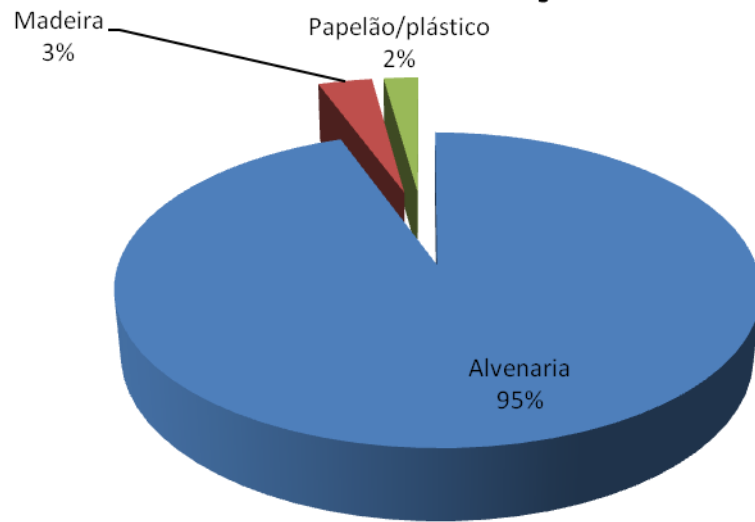
ANEXOS



Levantamento do padrão construtivo das edificações de Heliópolis.

Fonte: Habisp, 2010.

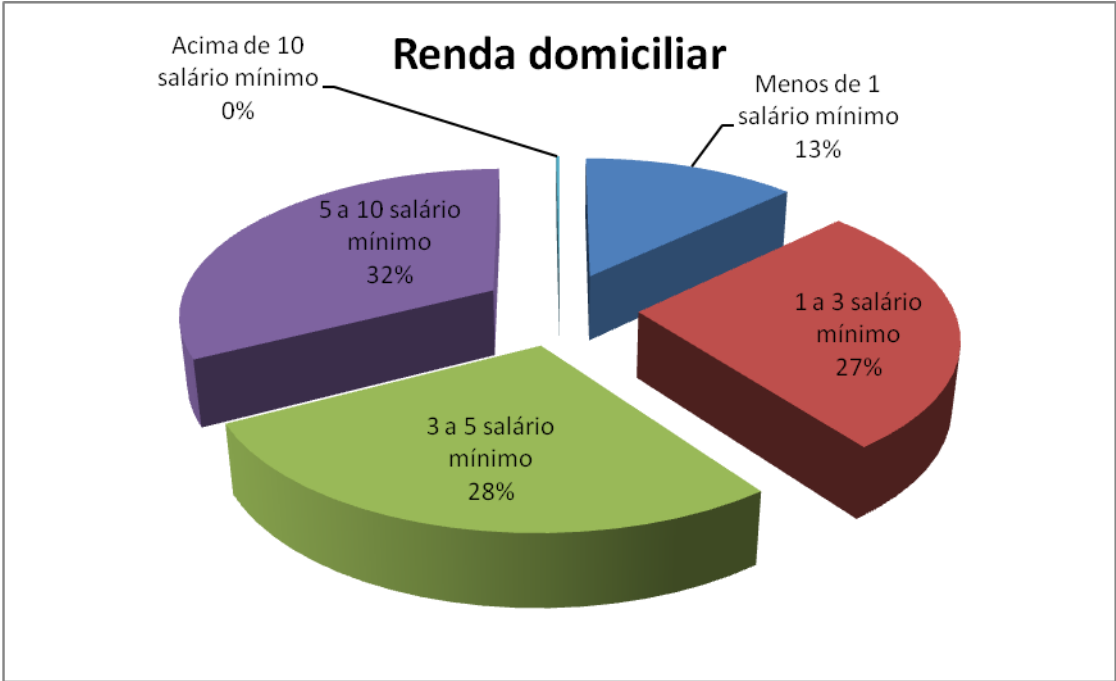
Padrão de construção





Levantamento da renda média domiciliar dos habitantes de Heliópolis.

Fonte: Habisp, 2010.

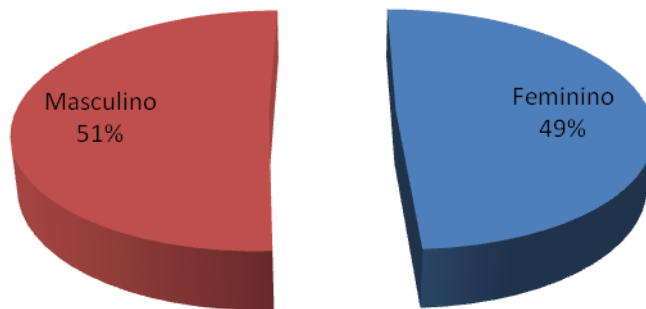


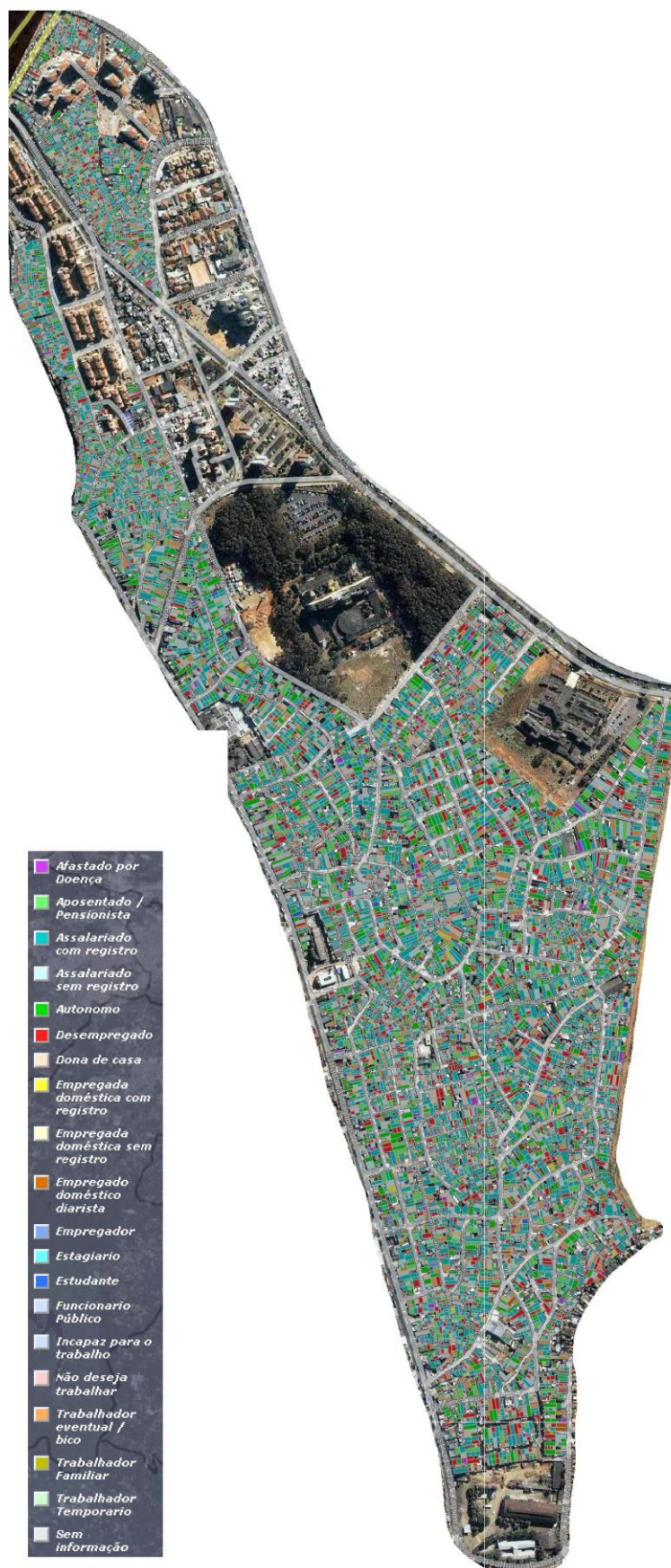


Levantamento do sexo dos chefes de família de Heliópolis.

Fonte: Habisp, 2010.

Chefe de familia: sexo





Levantamento das ocupações dos chefes de família de Heliópolis.

Fonte: Habisp, 2010.

